

Elogio à razão luminosa

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano.**
São Paulo: Summus Editorial, 2003.

Dimas A. Künsch

*Mestre em Integração da América Latina pela USP
Coordenador Editorial da Editora Salesiana
Docente de Comunicação no Centro Universitário UniSant'Anna
dimask@uol.com.br.*



A acusação, nos tempos da ditadura, era de que Cremilda Medina ensinava os alunos a burlar o sistema por meio da grande-reportagem. Esse o recado que lhe chegou via diretor da Escola de Comunicações e Artes da USP, Manuel Nunes Dias, nos idos de 1973. Nesse mesmo ano, em parceria com Paulo Roberto Leandro, a autora lançava seu *A arte de tecer o presente* daquele tempo, tendo em mente a poesia de João Cabral de Melo e Neto para sublinhar que “a produção de sentidos se tece no grito de muitos galos”. Arriscava-se, ali, a propor a fuga ao simplismo do informativo noticioso na direção da narrativa jornalística polifônica e polissêmica da reportagem interpretativa.

Trinta anos depois – com uma porção generosa de projetos, cursos, pesquisas e livros, dezenas de livros, pelo meio –, Medina volta a mostrar, melhor, a encenar a rebeldia em seu *A arte de tecer o presente* atual. Convoca, como antes, a burlar todo sistema autoritário, fechado e dogmático Jornalismo e mundo afora. Investe contra a atrofia da narrativa no território do Jornalismo tecnologicamente moderno, em que “se valorizam os projetos técnico-formais, como, por exemplo, os recursos da computação gráfica, a fórmula da notícia curta, descarnada, os gráficos da quantificação sobre os comportamentos humanos”. Lança aos companheiros e companheiras de rebeldia o desafio de “abandonar o conforto das fór-

mulas engessadas nos manuais jornalísticas" para "ir ao mundo" e "viver o presente, as situações sociais e o protagonismo humano". Emenda: "Inverter a relação sujeito-objeto do técnico em informação de atualidade para a relação sujeito-sujeito do mediador social, para além de ser um problema epistemológico, é uma fogueira em que se queimam as certezas, as rotinas profissionais, o ritmo mecânico do exercício jornalístico". Insiste na crítica: "Prefere-se o chão duro do pavimento pré-moldado ao risco do inesperado, do indeterminado. Constroem-se guias e tetos mentais para agir sob regras, produzir significados que à origem já estão definidos por ideologias e paradigmas mentais. A pauta da produção simbólica desenvolvida e distribuída pelos meios de comunicação reforça diariamente os significados conservadores, pouco renova, pouco transforma". Propõe o cultivo de "uma razão luminosa no lugar de uma razão técnico-burocrática, movida pelas gramáticas estratificadas".

O caminho que leva da sacralização da fórmula técnica e do enquadramento reducionista à arte da dialogia na produção da mensagem jornalística, segundo Medina, propõe a democracia do reencontro com "os protagonistas da cena viva", o reencantamento e a descoberta de significados "em cada esquina". Porque "os leitores rejeitam as cargas conceituais, os quadros puramente estatísticos, as teses ou as informações dogmatizadas. Manifestam claramente a preferência pela informação humanizada, vivida, exemplificada na cena cotidiana e protagonizada pelos heróis da aventura contemporânea".

O signo da explicação dá vez ao signo da compreensão, do afeto, da simpatia. Este rejeita a exclusão, ao se perguntar "onde estão, por aí, as donas Armindas a que a grande imprensa (o Jornalismo) não dá voz". A linguagem humanizadora trata "com detalhes e emoção o cotidiano das pessoas que freqüentam os jornais como simples números", descobre "a trama dos

que não têm voz", reconstrói "o diário de bordo da viagem da esperança", recria "os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional". A "vida no varejo" da "gente miúda", eterna contaminadora da arte, implode as certezas e seguranças de uma "racionalidade monádica ou maniqueísta".

A indisciplina, o não-determinismo do real e os múltiplos inter cruzamentos e fertilizações entre os universos da razão (as ciências, a filosofia, as tecnologias) e da não-razão (as artes, o mito, a religião) sugerem preferir a noção ao conceito, estabelecendo uma distinção útil entre mapa e território, na contramão do discurso da objetividade. "Se houve um momento em que se acreditava ideologicamente que a cartografia humana era um paradigma definitivo para, com técnica e tecnologia, produzir um retrato objetivo do mundo, hoje não se pode entender com essa dureza objetivista a mutante capacidade de simbolizar um território em um mapa".

Num nível mais profundo, o Jornalismo, como narrativa da contemporaneidade, vê essa narrativa como "uma das repostas humanas diante do caos". "Dotada da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo a inteligência humana organiza o caos em um cosmos". Daí por que narrar é mais que gosto e opção. É uma "necessidade". Nesse sentido, "a produção simbólica oxigena os impasses do caos, da entropia, das desesperanças, e sonha com um cosmos dinâmico, emancipatório". O jornalista repórter, como mediador social dos discursos da atualidade, ou como "poeta do momento", transitando pelo "mundo vivido" (Habermas), recolhe "sentidos profundos, o recado que vem do íntimo humano ser", capta "ressonâncias transcendentais" e se deixa contaminar "pelas vozes inconscientes".

Seria engano dos grandes imaginar que, em *A arte de tecer o presente*, as noções, críticas e dicas todas, aqui muito sucinta-

mente apresentadas, prestam um tributo exclusivo às "Luzes da razão". Medina não é isso e nunca faria assim. No mais, seria incoerente com a proposta, inovadora. A construção do livro brinca o tempo todo, seriamente, com as virtualidades lógico-analíticas, intuitivo-sintéticas e motor-operacionais que se sugere sejam exploradas no fazer jornalístico. Abrindo, dialoga com "a dama das miudezas", dona Arminda de um armarinho bem ali, na Praça Buenos Aires, bairro de Higienópolis, São Paulo, capital. "Diálogo possível" que se faz título do capítulo seguinte, sobre histórias de pesquisas e buscas na academia e no mundo. Mais um capítulo, só mais um ("Narrativas da contemporaneidade"), um leve comentário sobre "o gesto inspirador da arte", e logo o ouvido e os poros abertos da autora-repórter captam o "Modo de ser, mo'dizer" de duas senhoras na paragem do autocarro 54, na cidade do Porto, manhã do dia 6 de dezembro de 1975. Mais à frente, no "diálo-

go possível" entre razão e emoção, o convite a fruir um conto da escritora brasileira Ana Maria Martins. "Louco no melhor sentido: brasileiro", outro capítulo, tece o encontro parisiense com o artista brasileiro Cícero Dias. E vêm ainda "O vôo do sabiá", "A visita dos afetos" (a Carlos Drummond de Andrade) e outros momentos de convite direto ao encantamento, à fruição. *A arte de tecer o presente faz pensar e faz sentir.*

Prestando contas com anos de teoria-prática, prática-teoria, o novo livro de Medina não oferece respostas, não coloca pontos finais. Abre e aponta direções. Questiona, e muito, o Jornalismo pequeno, pasteurizado. Burla o sistema com o calor da reportagem. Sem raiva, sem dogmatismo. Toma emprestada do romance *Memorial de Santa Cruz*, de Sinval Medina, a trova atribuída a Brasil de Santa Cruz, como fecho do capítulo final, "Atravessagem": "Nem sei direito, no meio da corrente, se estou de partida ou de regresso".